

DIVÓRCIO E NOVO CASAMENTO NO CONCEITO BÍBLICO

Esp. Luiz Roberto Faustino¹

Me. Patrícia dos Santos Oga²

RESUMO

A primeira instituição criada por Deus, o casamento, nunca foi alvo de tão grande dissolução como nos dias atuais. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2012, para cada 100 casamentos realizados no Brasil houve 30 divórcios. Diante dessa realidade causada por vários motivos, este artigo procura abordar a questão dos segundos casamentos, pois muitos homens e mulheres têm optado por um novo casamento após um divórcio. Neste caso, os motivos também são vários: corrigir erros, manter os acertos e/ou buscar a felicidade não encontrada no casamento anterior. Buscou-se, nesta pesquisa apresentar as razões pelas quais os casais nos dias de hoje se divorciam, as consequências e os prejuízos gerados por esse ato, apresentar, à luz da Palavra de Deus, qual é o conceito bíblico sobre o assunto divórcio e segundo casamento e como aconselhar aqueles que pensam em se divorciar.

PALAVRAS-CHAVE

Casamento. Divórcio. Novo Casamento.

ABSTRACT

The first institution created by God, marriage has never been the subject of so great dissolution as today. According to data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) in 2012, for every 100 marriages in Brazil there were 30 divorces. Given this reality caused by several reasons, this article seeks to address the issue of second marriages, as many men and women have chosen to remarry after a divorce. In this case, the reasons are also various: to correct mistakes, to keep the accomplishments and/or to seek the happiness not found in the previous marriage. This research presents the reasons why couples these days divorce, the consequences and the loss caused by this act, to present, according to the Word of God, which is the biblical concept of divorce and remarriage, and how to counsel those who think of divorce.

KEYWORDS

Marriage. Divorce. Remarriage.

¹ Graduado em Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Betânia de Curitiba (FATEBE), pós-graduado em Gestão e Aconselhamento de Pessoas (FATEBE). Curitiba – Paraná – Brasil. E-mail: luizfaustino@gmail.com

² Professora Mestre em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), especialista em Desenvolvimento Editorial pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa e Extensão (IBPEX) do Centro universitário UNINTER. Professora do curso de graduação “Bacharelado em Teologia” e do curso de pós-graduação “Aconselhamento e Gestão de Pessoas” da Faculdade Teológica Betânia (FATEBE). E-mail: profs_patricia@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

“E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea.” (Gênesis 2.18 ARA). Com essas palavras, Deus definiu um fato fundamental e básico da família humana. Faz parte inerente da constituição do ser humano a sua necessidade de uma companhia. O ser humano é um ser social. Segundo Lindsay (2000), é por essa razão, que Deus ordenou, desde o princípio, a instituição do casamento.

Em seu sentido natural e histórico, o matrimônio pode ser definido como uma relação pessoal, com intuito de perdurar por certo tempo especificado entre um homem e uma mulher [...]. No seu sentido bíblico e cristão, um casamento, idealmente falando, é uma extensão da missão e do destino das pessoas envolvidas, ou seja, uma ajuda ao cumprimento dos propósitos especiais dos cônjuges. Nesse sentido, o matrimônio vai além dos meros costumes sociais e da procriação, tornando-se um importante aspecto do desígnio espiritual das pessoas (CHAMPLIN, 2011, p.174).

No entanto, mesmo sendo uma instituição criada por Deus e com propósitos bem definidos, o casamento tem se tornado nos dias atuais em um evento de curta duração. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2012, para cada 100 casamentos realizados no Brasil houve 30 divórcios.

Assim este artigo se propõe a apresentar uma compreensão bíblica sobre a questão do divórcio e do segundo casamento.

Após pesquisa bibliográfica em diversos materiais, foi realizada uma pesquisa de campo com três pastores da denominação Batista Bíblica no Paraná. As entrevistas eram dirigidas e consistiam de cinco perguntas abertas e foi observado certo consenso entre a pesquisa bibliográfica e os entrevistados.

Na sequência, após reunir as respostas dos entrevistados, foram feitas as considerações finais.

2 CASAMENTO E DIVÓRCIO SEGUNDO A BÍBLIA

Gênesis 2.18-24 revela que o casamento nasceu no coração de Deus quando não havia legisladores, leis, Estado ou igreja. Deus não somente criou o casamento, como também o abençoou (Gênesis 1.28). O casamento, portanto, nasceu no céu, e não na terra; nasceu no coração de Deus e não no coração do homem.

Nos tempos bíblicos antes da legislação mosaica, a poligamia era prática comum, podia haver casamentos entre um meio-irmão e sua meia-irmã, conforme foi o caso de Abraão e Sara. Segundo Champlin (2011), entre os egípcios havia casamentos entre irmãos e irmãs de pai e de mãe, mas entre os hebreus não há qualquer registro quanto a isso. Jacó casou-se com duas irmãs – Lia e Raquel. A legislação mosaica, quando surgiu, proibiu o casamento entre parentes chegados. O noivado era quase indissolúvel quanto o próprio matrimônio, e uma noiva já era chamada de esposa (Deuteronômio 22.23,24). Um noivo também era chamado esposo (Mateus 1.19).

O casamento como primeira instituição criada por Deus deve ser heterossexual, conforme Gênesis 1.27 “Criou Deus, pois o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. Assim sendo, o relacionamento conjugal só é possível entre um homem e uma mulher, entre um macho e uma fêmea biológicos. O casamento deve ser também monogâmico. A monogamia é o padrão de Deus para o casamento. Deus não criou duas mulheres para um homem nem dois homens para uma mulher (Gênesis 2.24). Tanto a poligamia (um homem com várias mulheres) quanto a poliandria (uma mulher com vários homens), estão fora do padrão de Deus para o casamento. [...] O casamento deve ser também monossomático, conforme diz: “...tornando-se os dois uma só carne”. (Gênesis 2.24). Adão e Eva poderiam ser considerados não apenas como um só corpo, mas também como duas almas em um só corpo, ou seja, uma completa união de interesses e uma indissolúvel parceria de vida e sonhos, conforto e apoio, desejos e inclinações, alegrias e sofrimentos. Eles eram dois antes do casamento, mas se tornaram um. Apesar de continuarem sendo duas pessoas distintas, eles passaram a ser uma só carne. O casamento deve ser indissolúvel. O casamento deve ser para toda a vida. Essa união permanente. No projeto de Deus é indissolúvel. Ninguém tem autoridade para separar o que Deus uniu. Marido e mulher devem estar juntos na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na prosperidade e na adversidade. Só a morte pode separá-los (Romanos 7.2; 1 Coríntios 7.39). (LOPES, 2011, p.25,28,31,34)

Embora o ideal cristão seja “até que a morte vos separe”, na prática várias formas de divórcio põem fim a uma grande porcentagem de casamentos. Segundo Champlin (2011), na cultura judaica existiam várias razões tanto para o homem judeu quanto para a mulher se divorciar.

Razões pelas quais um homem judeu podia divorciar-se de sua mulher 1. Houve época em que qualquer razão servia para por fim ao casamento, mas com o passar do tempo algumas restrições foram impostas ao divórcio. 2. Adulterio por parte da mulher. 3. Violação da decência moral por parte da mulher mesmo que isto não chegasse ao adultério. 4. Negação do sexo por parte da mulher ao seu marido. 5. A recusa da mulher de mudar-se para outra casa, quando o assim queria o marido. 6. A mulher insultava o pai do seu marido. 7. A mulher tinha certas doenças incuráveis, que tornavam a coabitação perigosa, ou mesmo desagradável. *Razões pelas quais uma mulher podia divorciar-se* 1. Acusação falsa de sexo pré-matrimonial, uma vez provada tal falsidade. 2. Recusa do marido de fazer sexo com sua mulher. 3. Impotência, após dez anos de casamento sem filhos. 4. Voto de abstinência sexual, por parte do marido, e que ele nunca mais

descontinuasse. Nesse caso, o marido poderia ficar com suas convicções e votos religiosos, mas teria que procurar outra esposa quando terminasse esses votos prolongados. 5. Certas enfermidades ou aleijões físicos, como a lepra, ou mesmo se ele tivesse alguma profissão malcheirosa, como a daqueles que recolhiam esterco. 6. Tirania por parte do marido. 7. Espancamentos, abusos e abandono do lar por parte do marido. 8. Adultério. Se um homem que pudesse ter concubinas e mais de uma esposa, mas ainda assim buscasse uma mulher casada como companheira de sexo, a sua esposa podia divorciar-se dele. 9. Crime. Se um homem fugisse do país, por causa de algum crime cometido, sua mulher podia divorciar-se dele. (CHAMPLIN, 2011, p.177).

Os códigos mais antigos da humanidade já configuravam o divórcio como uma instituição social inquestionável. O código Hamurabi (1792-1750 a.C) legislava claramente sobre o divórcio, nos artigos 128, 134, 136, 137, 140 ao 142, 144, 147 e 148 (LOPES, 2011, p.101, 102).

Segundo Champlin (2011), é bem provável que as provisões mosaicas referentes ao divórcio foram estabelecidas a fim de regulamentarem uma prática já existente; pelo que também o Senhor Jesus disse em verdade que tais provisões foram estabelecidas, não como reflexo da verdadeira vontade de Deus, mas para atender à dureza dos corações humanos.

Em toda a história judaica, o divórcio sempre foi chamado de “um rompimento”. O decreto mosaico acerca do divórcio era chamado pelos judeus de “termo de rompimento”.

A palavra hebraica que se traduz por divórcio (repúdio) é *kerithuth*, e significa rompimento [...]. A palavra grega que traduzimos por divórcio no Novo Testamento é *apolo*. Trata-se de um equivalente exato do vocábulo hebraico *kerithuth*, e tem o mesmo sentido preciso de absoluta dissolução. Ela significa: “Libertar: soltar; liberar; dissolver radicalmente; desamarrar, como se solta um navio lançado ao mar; desligar, como no caso de um soldado que dá baixa do exército; desfazer um laço; seccionar; cessar qualquer obrigação e responsabilidade; separar; libertar como se liberta um cativo, isto é, soltar-lhe as cadeias que o prendem para que tenha liberdade de sair”. (DUTY, 1979, p.36, 37)

LOPES (2011) afirma que o divórcio não é o ideal de Deus para o homem e a mulher e que Deus odeia o divórcio. Jesus disse que Deus permitiu o divórcio, mas jamais o estabeleceu como fruto da sua vontade.

O ideal de Deus para a solução dos problemas no casamento é a prática da reconciliação e do perdão e nunca o caminho do divórcio, Malaquias 2.16 diz: “Porque o SENHOR, Deus de Israel, diz que odeia o repúdio (...)” (ARA). No entanto, houve uma ocasião dentro da narrativa do Antigo Testamento em que o divórcio foi imposto como obrigação, a saber: certos judeus foram forçados diante da

desobediência a Deus a se divorciarem de suas mulheres estrangeiras, depois que os judeus voltaram do exílio (Esdras 9 e 10; Neemias 13.23 e seguintes).

Então, se levantou Esdras o sacerdote, e lhes disse: Vós transgredistes casando-vos com mulheres estrangeiras, aumentando a culpa de Israel. Agora, pois, fazei confissão ao SENHOR, Deus de vossos pais, e fazei o que é do seu agrado; separai-vos dos povos de outras terras e das mulheres estrangeiras. Respondeu toda a congregação e disse em altas vozes: Assim seja; segundo as tuas palavras, assim nos convém fazer. (EDRAS 10.10-12 ARA).

Segundo Champlin (2011), pouco antes da época de Jesus, dois famosos rabinos judeus, de nome Shamai e Hilel, representavam as duas ideias judaicas básicas acerca do divórcio. A escola Sahamai proibía o divórcio exceto sobre a base do adultério, sendo essa a posição mais estrita e conservadora. A escola de Hilel, por sua parte, permitia o divórcio por praticamente qualquer motivo, até mesmo quando não houvesse qualquer motivo, bastando que um homem se tivesse cansado de sua mulher.

Nos três evangelhos Mateus, Marcos e Lucas, Jesus se depara com essa questão do divórcio o texto de Marcos 10.11,12 diz: “E ele lhes disse: Quem repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério contra aquela. E, se ela repudiar seu marido e casar com outro, comete adultério”. (ARA) E em Lucas 16.18 “Quem repudiar sua mulher e casar com outra comete adultério; e aquele que casar com a mulher repudiada pelo marido também comete adultério”. (ARA). Nestes dois textos tanto o marido quanto a mulher que repudiar, ou que der carta de divórcio ao outro e se casar novamente comete adultério, ou seja, nenhuma permissão é dada para o divórcio. Trata-se da simples declaração de que qualquer divórcio e novo casamento envolvem adultério.

Já nos textos de Mateus 5.32, Jesus disse “Eu, porém vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério”. (ARA). E Mateus 19.9, “Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas e casar com outra comete adultério [e o que casar com a repudiada comete adultério]”. (ARA), Jesus inclui o que muitos chamam de cláusula exceptiva, em outras palavras, Jesus coloca como única condição para o divórcio o adultério de um dos cônjuges.

Estas passagens dos evangelhos têm causado grande discussão entre muitos cristãos. Primeiro, porque os evangelhos de Marcos e Lucas não mencionaram essa

cláusula exceptiva, segundo porque as palavras “relações sexuais ilícitas” no original grego está registrada como *porneia* que significa fornicção e não adultério *moicheia* como muitos têm interpretado.

Há uma diferença entre o adultério e a fornicção [...] Jesus usou ambas as palavras na mesma sentença. Ele disse: “Eu, porém vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas e casar com outra comete adultério” (Mateus 19.9). “Não sendo por causa de *relações sexuais ilícitas*... comete adultério,” ele disse. Qual é a diferença entre relações sexuais ilícitas (fornicção) e adultério? O dicionário define fornicção como “relação sexual voluntária entre pessoas não casadas”. Isso não soa como infidelidade conjugal! Adultério, por outro lado, significa “relação sexual ilícita entre uma pessoa casada e outra que não o cônjuge”. (PLEKKER, 2000, p. 51)

Diante das diferenças entre as palavras “fornicção” e “adultério”, surgiu então, entre alguns teólogos, a interpretação do por quê dessa diferença. Segundo Plekker (2000), há alguns que afirmam que a fornicção a que Cristo se refere pode ter sido a fornicção antes do casamento. Ou seja, caso o homem descobrisse na noite de núpcias que sua esposa não era virgem, ele poderia dar carta de divórcio, pois ela havia praticado o pecado da fornicção.

Deveria haver um bom motivo pelo qual Jesus usou dois termos diferentes numa sentença. Deve haver uma diferença. A fornicção consiste em muito mais do que adultério [...] ela inclui a prostituição, a sodomia, o homossexualismo, o incesto, e todas as outras formas de impureza sexual que melhor poderiam ser chamadas de infidelidade conjugal. Isto significa que todo adultério é fornicção, mas nem toda fornicção está necessariamente limitada a categoria de adultério. (PLEKKER, 2000, p. 52)

Deus sabe que a fornicção em qualquer uma de suas formas viola o compromisso de fidelidade assumido no casamento, e devido ao efeito radical e terrível desse pecado Deus permite (não ordena) o divórcio. O casamento é ordenado por Deus, o divórcio não. “O casamento agrada a Deus, o divórcio não, ao contrário, Deus odeia o divórcio. Deus permite o divórcio, mas jamais o ordena”. (LOPES, 2011, p.100).

Segundo a lei Mosaica, a violação da aliança conjugal era passível do castigo da morte: “Se um homem adulterar com a mulher do seu próximo, será morto o adúltero e a adúltera”. Levítico 20.10. Por causa do tempo da graça, instituído por Cristo, a sentença de morte ficou suspenso, e o infrator recebeu a oportunidade de se arrepender. Exemplo disso foi o perdão que Cristo deu à mulher surpreendida em adultério (João 8.1-11). (LINDSAY, 2000, p.24)

A dissolução do casamento segundo os escritos do apóstolo Paulo aos crentes de Roma e de Corinto é somente permitido em caso de morte de um dos

cônjuges. Caso a pessoa vier a se separar e contrair novas núpcias estando o cônjuge ainda vivo será considerada adúltera.

“Ora, a mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive; mas, se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal. De sorte que será considerada adúltera se, vivendo ainda o marido, unir-se com outro homem; porém, se morrer o marido, estará livre da lei e não será adúltera se contrair novas núpcias.” Romanos 7.2-3 (ARA).

Em 1 Coríntios 7.10,11, a orientação de Paulo é que não haja separação entre o casal, mas se houver, que ambos se reconciliem. Ainda em Coríntios ele repete a sua orientação de Romanos: “A mulher está ligada enquanto vive o marido; contudo, se falecer o marido, fica livre para casar com quem quiser, mas somente no Senhor. Todavia, será mais feliz se permanecer viúva, segundo a minha opinião, [...]” 1 Coríntios 7.39,40 (ARA).

O adultério rompe os laços do compromisso do casamento, por este motivo é única exceção permitida e registrada na Bíblia para a dissolução do casamento.

3 CASAMENTO E DIVÓRCIO NO BRASIL

Segundo o Artigo 226 da Constituição Federal do Brasil de 1988. “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”. No parágrafo terceiro: “Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento” (p.45).

Reschke (2008) menciona que o divórcio no Brasil foi instituído com a Emenda Constitucional nº 9, de 28 de junho de 1977, permitindo a instauração do divórcio no país e a Lei nº 6.515/77 o regulamentou. Como em outros países, o divórcio é visto por alguns como uma louvável legalidade para se livrar de seu cônjuge, mas, por outro lado severamente condenado por outros. Lopes (2005) diz que o casamento como primeira instituição divina pré-existente ao Estado e à igreja, vem sendo bastante atacada ao longo dos séculos e, nos tempos modernos, teve os seus alicerces abalados.

Fantini (2001) publicou um gráfico na Revista Veja sobre a progressão do divórcio no Brasil. Em 1984, de cada 100 casamentos 10 terminavam em divórcio, em 1988 de cada 100 casamentos 13 terminavam em divórcio, depois em 1992 subiu para 22 divórcios. Em 1996 já eram 25 divórcios, em 2000 este número chegou a 28 divórcios para cada 100 casamentos. Segundo o IBGE, em 2012, os

cartórios registraram 1.041.440 casamentos e 341.600 divórcios. Isso quer dizer na média que para cada 100 casamentos há 30 divórcios.

Outra realidade no Brasil, é que os casamentos têm cada vez mais sido celebrados entre pessoas muito jovens.

De acordo com o Censo 2010, pelo menos 88 mil meninos e meninas com idades de 10 a 14 anos estavam casados em todo o Brasil. Na faixa etária de 15 a 17 anos, são 567 mil. Segundo a pesquisa, estimativa do Unicef com dados de 2011 aponta que o Brasil ocupa o quarto lugar no mundo em números absolutos de mulheres casadas antes dos 15 anos: seriam 877 mil mulheres com idades entre 20 e 24 anos que disseram ter se casado antes dos 15 anos. (TAYLOR, 2015)

Lindsay (2000) já havia registrado que uma das causas mais trágicas do divórcio é o casamento entre adolescentes. Sem dúvida, pode-se mencionar que alguns desses casamentos acabaram sendo bem-sucedidos, mas trata-se de exceção, e não de regra. Ele menciona que.

Quase metade dessas uniões apresentadas acaba nos tribunais do divórcio. Mocinhas que não deveriam sequer pensar em namoro, muito menos em casamento, mas que já se acham divorciadas, com suas jovens vidas amarguradas, desiludidas e frequentemente arruinadas. Da mesma forma, o rapazinho, passada a primeira emoção romântica, usualmente se ressentido de ter o fardo do sustento de uma família em tão tenra idade, de modo que simplesmente faz as malas e vai embora. Em muitos aspectos, os adolescentes ainda são crianças; são emocionalmente imaturos e lastimavelmente despreparados para enfrentar os problemas complexos da vida de casado. (LINDSAY, 2000, p.35)

A lista de motivos que levam um casal desde os tempos antigos aos dias atuais a se divorciar aumenta cada vez mais,

Casamentos entre adolescentes; O sexo antes do casamento; A incompatibilidade; Dificuldades financeiras; A falta de asseio no lar; Implicâncias; Ciúmes; Problemas com parentes; O cônjuge queixoso e doentio; O pensar e o viver errôneos; Diferentes perspectivas espirituais; A não realização do culto familiar. (LINDSAY, 2000, p.35-62)

Todo divórcio por mais amigável que seja sempre trará sérias consequências marcando para sempre a vida dos envolvidos. Kemp (1995) relaciona quatro áreas que sofrerão “dolorosas mudanças” na vida de uma pessoa que resolve se divorciar entre elas estão: “o relacionamento com a família; relacionamento com amigos; solidão e a saúde física” (p.48-52).

4 ACONSELHAMENTO PARA OS QUE PENSAM EM SE DIVORCIAR

O divórcio é uma realidade na história da humanidade que não escolhe pessoas, pois essa tragédia tem batido à porta de muitos lares cristãos. Deve-se,

então, buscar com o maior empenho possível a reconciliação do casal, o exercício do perdão e a indicação do caminho certo que eles devem seguir.

Plekker (2000) apresenta algumas sugestões de como aconselhar um casal que está às portas de uma separação e promover a reconciliação por meio de perguntas diretas.

Eu posso sugerir apenas uma maneira que acredito ser adequada. Eu acho vital que um diálogo seja estabelecido e a melhor maneira se obtê-lo é fazendo algumas perguntas – perguntas às quais eles ainda podem responder *sim*. Perguntas tais como: “Você ainda acredita em Deus?” “Você ainda considera que a Bíblia é a Palavra Santa de Deus?” “Você acredita que a Bíblia é relevante hoje e é significativa para correção, repreensão e ensino?” “Vocês reconhecem em seus corações que Deus foi atencioso e completo em sua Palavra e inclui *tudo* quanto precisamos saber a fim de vivermos e morremos felizes?” E, então, talvez a pergunta mais importante de todas, bem planejada para estabelecer acordo: “Vocês aceitam o fato de que, se não fosse pela graça de Deus, qualquer um de nós estaria na mesma situação em que vocês se encontram?” Um texto para estabelecer mais acordo do que divergência Romanos 7.21-25. Vocês concordam que os crentes têm uma guerra violenta dentro deles? Se isto acontece com vocês é porque vocês são normais! (PLEKKER, 2000, p.79, 80).

Deve-se tentar fazer com que o casal reconheça que o divórcio não é a solução diante das dificuldades conjugais, e que não é um dos melhores caminhos a seguir. Segundo Lindsay (2000), “As pessoas que estão pensando no divórcio devem considerar e refletir sobre todas as consequências antes de tomarem a decisão fatídica de desfazer a sua união” (p.109). Ele apresenta seis coisas a respeito das quais o casal deve pensar:

- 1) os divorciados não são bons riscos conjugais;
- 2) a ignomínia do divórcio;
- 3) o problema dos filhos de um casamento anterior;
- 4) o problema econômico;
- 5) o perigo da incontinência dos divorciados;
- 6) todos, inclusive a causa cristã, sofrem com o divórcio.

Reflexão sobre as consequências que advirão com o divórcio é um bom caminho para tentar impedir um casal a tomar essa decisão.

5 PESQUISA DE CAMPO COM PASTORES DA DENOMINAÇÃO BATISTA BÍBLICA NO PARANÁ

Foi encaminhado a três pastores da Denominação Batista Bíblica no Paraná um questionário via e-mail, com cinco perguntas abertas sobre o tema deste artigo.

Houve de fato certo consenso entre a pesquisa bibliográfica e os entrevistados sobre os prejuízos causados pelo divórcio e o casamento como primeira instituição divina, que, embora esteja sendo cada vez mais atacado, ainda é o propósito número um de Deus para o homem e a mulher, não somente como meios de união e procriação, mas também como forma de glorificá-Lo.

Para responder a primeira pergunta, sobre as causas mais comuns que geram o divórcio, foram identificados os seguintes itens:

O entrevistado um respondeu:

- a) Falta da presença de Deus.
- b) Imaturidade do casal para o casamento.
- c) Confundiram PAIXÃO com AMOR.
- d) Querem “saciar” seus anseios e desejos sem levar em conta as consequências de uma vida a dois.
- e) Sem valorizar que o casamento é a construção de uma família, e não um período de saciar os desejos da carne.

O entrevistado dois respondeu:

- a) Mulheres muitas vezes tentam em vão combater a solidão substituindo maridos pelos filhos etc.
- b) Maridos enterrando-se em superatividades etc.
- c) Falta de companheirismo (Mt 2.14) pactual.
- d) Cristãos e não cristãos confusos. Não estão seguros sobre o que devem crer.
- e) Não sabem quando é tradição e quando é ensino bíblico;
- f) Querem rejeitar as tradições dos homens em favor de uma posição mais bíblica, mas não sabem onde achar a ajuda que precisa;

O entrevistado três respondeu:

Falta de perdão, ressentimento, amargura, frustração, orgulho, prepotência, egoísmo. Isso tudo como consequência da falta de trabalhar a relação, do diálogo.

Todos concordam que a falta da presença de Deus, a falta de praticar os ensinamentos bíblicos e o fato de não compreenderem o papel de cada um dentro do lar contribui para o divórcio.

Nas respostas recebidas para a segunda pergunta, que procurava identificar as consequências geradas pelo divórcio, os entrevistados apontaram as seguintes:

O entrevistado um respondeu:

- a) Decepções.
- b) Frustrações.
- c) Ódio.
- d) Frustrações dos filhos.
- e) Inseguranças dos filhos.

O entrevistado dois respondeu:

- a) Sempre resulta de pecado, não é necessariamente pecaminoso.
- b) Familiares pagam um preço também.
- c) O indivíduo perde a afinidade com Deus.
- d) Seu culto que tributa a Deus não é mais o mesmo.
- e) Sua comunhão com Deus é afastamento.
- f) Sua cooperação com Deus não surte resultado.
- g) Logo sua vida social proveniente de Deus e que visa a Deus não é relevante.

O entrevistado três respondeu:

Medo, sentimento de desvalorização, de incapacidade, de angústia. Isso leva a pessoa a ter sua saúde emocional abalada.

Todos os pastores pesquisados concordam que os estragos na vida de um casal em virtude do divórcio não se restringem somente a eles, sofrem os filhos, sofrem os familiares, e a pior de todas as consequências é seu relacionamento com Deus que também é afetado.

A terceira pergunta procurava identificar como os entrevistados creem que a Bíblia define como motivos para a dissolução do casamento por meio do divórcio. As respostas recebidas elencaram as seguintes proposições:

O entrevistado um respondeu:

a) A Bíblia diz que em caso de adultério se permite o divórcio.

O entrevistado dois respondeu:

a) Nunca é necessário entre dois crentes.

b) É legítimo quando se baseia em pecado sexual.

c) É legítimo quando um descrente quer divorciar-se de um crente.

d) É perdoável quando pecaminoso.

O entrevistado três respondeu:

Adultério. Dureza de coração (falta de perdão).

Embora um dos pastores entrevistado afirme que a dissolução do casamento entre crentes não é permitida, os demais concordam com os autores pesquisados de que a única exceção é em caso de adultério.

A quarta pergunta respondida pelos pastores entrevistados indicando seu posicionamento sobre o novo casamento, foram elencadas as seguintes opiniões:

O entrevistado um respondeu:

Em caso de pessoa divorciada pelo motivo de adultério de seu cônjuge, que é a única exceção bíblica, essa pessoa estará livre para contrair novo casamento, pois o adultério cometido pelo seu cônjuge quebrou a aliança feita diante de Deus. Todas as pessoas divorciadas corretamente podem casar-se de novo.

O entrevistado dois respondeu:

O divórcio como consequência do adultério, não é mero reconhecimento e formalização de uma realidade interna, mas é um novo e adicional passo além do adultério, o que este não torna necessário. Não é próprio um casal realizar novo casamento, se for procurado e obtido o perdão do adultério e o casal decidir continuar vivendo juntos, estes ainda estão casados; só necessário que haja perdão. O recasamento em geral é desejável, é possível para uma pessoa divorciada. É possível para uma pessoa divorciada pecaminosamente, desde que abençoada pelo perdão.

O entrevistado três respondeu:

Sou contrário para quem conhece a palavra e tem Jesus como salvador, porém creio que cada caso merece uma atenção diferenciada, pois, como pastor já tive um caso específico e tomei um posicionamento diferente.

Todos os entrevistados concordam que se uma pessoa foi traída por adultério, ela estará livre para se divorciar e contrair um novo matrimônio, porém se o perdão for exercido, a melhor escolha é continuar no mesmo casamento. Outra opinião colhida na entrevista é que se uma pessoa se casar novamente, e a causa da sua separação não foi o adultério, ela poderá ser abençoada pelo perdão.

A quinta e última pergunta sobre como esses pastores têm tratado o assunto do divórcio e novo casamento em suas igrejas, trouxe as seguintes respostas:

O entrevistado um respondeu:

- a) Com relação aos novos convertidos: Nós entendemos que o evangelho prega o perdão dos pecados através do sacrifício de Cristo Jesus. O grande amor de Deus e o perdão de Cristo e a habitação pelo Espírito trazem esperança e restauração a esses corações esmagados que têm experimentado o divórcio. Nós, como igreja, temos a obrigação de trazer-lhes as boas novas do arrependimento e injusto do perdão em Cristo! Com relação aos crentes: Para os crentes que têm pecado injustamente se divorciando, ou casando com uma pessoa injustamente divorciada, [eu digo:] vocês têm que humilhar-se em contrito arrependimento diante de seu Deus. Ele os perdoará e os ajudará a viver de modo a não cometerem aquele pecado, novamente! Porque no final, diz a palavra: "*Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo.*" (Romanos 14:10, ACF)
- b) Devemos pregar sempre a comunhão Pessoal e Cooperação Entre Crentes - O perdão de Cristo afasta para longe todo o estigma do pecado, afasta tanto aos olhos de Deus como aos olhos dos crentes, nossos companheiros. Embora os nocivos e dolorosos efeitos do pecado irão continuar, nós tratamos um ao outro como plenos irmãos em Cristo. Não há crentes de segunda classe. Dizer: "*Irmão Fulano de Tal é divorciado assim ele não deve cantar no coral,*" seria continuar a erguer contra aquele

irmão um pecado que Deus tem perdoado, e provavelmente essa atitude vem de uma falsa visão de que seu recasamento o tem enterrado em perpétuo adultério. Nós todos temos sido perdoados de um incalculável número [e gravidade] de pecados. Louvado seja Deus por seu perdão.

O entrevistado dois respondeu:

- a) O assunto tratado em questão é de grande interesse para a igreja, porque os temas que tratam de divórcio e de novo casamento eram evitados num passado recente, discutiam resumidamente, quando tocam nos textos pertinentes, vez por outra um sermão aqui outro ali para tratar de questões mais fáceis, mas fundamentalmente os líderes têm tropeçado, e os membros das igrejas têm tropeçado também. Essa nova situação exige uma nova resposta da Igreja e dos lares cristãos. Temos que aprender a discutir os elementos básicos do casamento, divórcio e recasamento. Pessoas divorciadas estão entrando como enchentes em nossas igrejas. Estamos em uma época bem oportuna para pensarmos bíblicamente de uma nova maneira, desimpedida de ideias preconceituosas que realmente não garantem a aceitação das pessoas que desejam ser bíblicas. A grande vantagem de um tempo como este é que nós cristãos conservadores, estamos querendo dar atenção a novas ideias, contanto que sejam bíblicas. Explorar as escrituras e chegar às posições bíblicas mais concretas, mais definidas. Em nossa igreja queremos ser tão bíblico quanto possível. Tratamos em nossa igreja do assunto, de forma que Deus designou o casamento para ser o elemento fundamental da sociedade humana Gênesis 2. Vimos que o casamento foi o primeiro a ser instituído formalmente como uma esfera da sociedade humana. Que o casamento não é o que a teologia católica romana e muitos protestantes erradamente pensam apenas como uma instituição destinada a propagar a raça humana. Embora Deus tenha ordenado e deve ser cumprido, multiplicai-vos. Não se deve igualar o casamento e relações sexuais, o casamento é uma união que envolve a união sexual como uma obrigação central e como um prazer importante, 1 Coríntios 7.3,5-9 é verdade, mas a união sexual não implica necessariamente o casamento. E que o casamento autoriza as relações sexuais Hebreus

13.4. Aconselhar todas as pessoas anteriormente divorciadas, antes de um novo casamento, acerca destes ou daqueles pecados existentes em suas vidas que possam ter contribuído de algum modo para o fim do casamento. Aconselhá-las acerca de qualquer atitude ou ideia errônea sobre casamento ou sobre cônjuges que caso tenham desenvolvido durante o casamento anterior e dos procedimentos para o divórcio, com especial ênfase ao amor como dar, não receber. Portanto como igreja, nossos esforços legítimos devem ser feitos para ajudar as pessoas a se reconciliarem entre si, sempre que possível, antes de se casarem de novo com outra pessoa e então seja tarde de mais para corrigir um possível erro.

O entrevistado três respondeu

a) Casamento é coisa séria e para o crente, é um só.

Todos concordam que divórcio e novo casamento é um assunto muito relevante em nossos dias, e que as igrejas cristãs não podem fechar as portas para aquelas pessoas que chegam marcadas pela decepção de um casamento arruinado e que buscam tentar acertar em um novo relacionamento. Apenas um dentre os pastores entrevistados considera que o crente divorciado jamais deve se casar novamente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por finalidade mostrar que a realidade do divórcio se estende ao longo dos séculos.

Constatou-se que tanto os escritores quanto os entrevistados concordam com a Bíblia de que o casamento é uma instituição divina, e que por este motivo deve ser honrado e preservado pelo ser humano.

Por isso, buscou-se, por meio de pesquisas bibliográficas em diversos materiais e por meio de entrevistas com pastores que estão na linha de frente e que recebem pessoas que chegam em suas igrejas muitas vezes para receberem uma palavra bíblica para alento das suas almas e, também para serem orientados em seus relacionamentos.

O divórcio, embora seja uma realidade, nunca foi o desejo de Deus para a dissolução do casamento, Ele afirma em sua palavra “De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem”. Mateus 19.6 (ARA).

Embora “as relações sexuais ilícitas” (fornicação, prostituição, adultério etc.) seja a única causa legítima do divórcio baseada nas palavras de Jesus em Mateus 19.9 e, com isso, conceda à vítima o direito de contrair novo casamento sem ser considerado(a) adúltero(a), o desejo real de Deus é que o exercício do perdão seja aplicado. Pois, na história bíblica, o povo de Deus foi considerado um povo adúltero, que quebrou por várias vezes a aliança para com Deus e mesmo assim Deus os perdoava. “Prouvera a Deus eu tivesse no deserto uma estalagem de caminhantes! Então, deixaria o meu povo e me apartaria deles, porque todos eles são adúlteros, são um bando de traidores” Jeremias 9.2 (ARA).

Conclui-se que o divórcio não é a melhor solução para os problemas enfrentados no casamento. É preciso manter o casal unido independentemente das dificuldades enfrentadas na vida a dois, levá-los à reflexão sobre os prejuízos que acompanham a separação. No entanto, se um casal decidiu tomar o caminho do divórcio, e deseja reconstruir sua vida em novo casamento, não se deve fechar as portas, mas exercer a graça de não condená-los, como Jesus fez com a mulher adúltera, em João 8.1-11, e com a mulher samaritana, em João 4.1-18.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia de Estudo Almeida Revista e Atualizada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

BRASIL. Constituição, 1988. Constituição da República Federativa do Brasil Senado Federal. Brasília: Secretaria Especial de Informática. 2013

CHAMPLIN, Russel Norman, **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 10ª ed. São Paulo: Hagnos, 2011. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2012.

DUTY, Guy. **Divórcio e novo casamento**. Belo Horizonte-MG: Betânia, 1979.

FANTINI, Flávio, NUNES, Angela. Duelo na separação conjugal. Divórcio e Dinheiro. Veja ed. 1704, São Paulo, 13/06/2001. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/130601/p_122.html>. Acesso em 20/02/15.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Registro Civil**. IBGE 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2013/>>. Acesso em 09/09/2015.

KEMP, Jaime. **Retratos de família**. São Paulo: Sepal, 1995.

LINDSAY, Gordon. **Casamento, divórcio e novo casamento**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2000.

LOPES, Hernandes Dias. **Casamento, divórcio e novo casamento**. São Paulo: Hagnos, 2011.

POHL, Adolf. **Comentário esperança: Evangelho de Marcos**. Curitiba: Esperança, 2005.

PLEKKER, Robert J. **O divórcio à luz da Bíblia**. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

RESCHKE, Osvino. **Divórcio – Enfocando as causas e consequências E apresentando uma proposta de prevenção**. Trabalho de Conclusão de curso de Especialização em Aconselhamento e Psicologia Pastoral. Escola Superior de Teologia. Programa de Pós Graduação – PPG. São Leopoldo-RS. 2008. Disponível em: <http://www.iecb.org.br/files/tcc/monografia_osvino.pdf>. Acesso em 20/02/15.

RIENECKER, Fritz. **Comentário esperança: Evangelho de Mateus**. Curitiba: Esperança, 1998. **Comentário esperança, Evangelho de Lucas**. Curitiba: Esperança, 2005.

SILVA, Ezequias Soares da. **Analisando o Divórcio à Luz da Bíblia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Novo Testamento interlinear. Grego – Português**. Barueri-SP: SBB 2004.

TAYLOR, Alice. **Pobreza e abusos estimulam casamentos infantis no Brasil**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/pobreza-e-abusos-estimulam-casamentos-infantis-no-brasil.htm>>. Acesso em 09/09/2015.